

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA · CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE · ROSA LÍDIA COIMBRA



pelos mares da
língua
portuguesa 5

VOL. 2 LÍNGUA E ENSINO





pelos mares da
língua
portuguesa 5

Língua e ensino

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos Mares da Língua Portuguesa 5
Volume 2: Língua e ensino

EDITORES

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

EDITORA

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

CAPA

Grafismo sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa

EDIÇÃO

1ª edição – dezembro de 2023

DEPÓSITO LEGAL

526378/24

ISBN

978-972-789-894-7

DOI

<https://doi.org/10.48528/txwt-3d03>

Todos os capítulos deste volume foram submetidos a arbitragem duplamente anónima por pares académicos.



cllc
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

[HTTPS://DOI.ORG/10.54499/UIDB/04188/2020](https://doi.org/10.54499/UIDB/04188/2020)

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Esta publicação é financiada por fundos nacionais,
através da Fundação para a Ciência e Tecnologia,
I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020

ÍNDICE

- 7 **Concordância variável no português de três continentes: estudo preliminar sobre a fala em Angola, Moçambique, Brasil e Portugal**
Júlia Maria Mendes Santos
Giulia Bossaglia
- 27 **A língua de raiz paulista: uma picada remanescente do século XX**
Maria Célia Lima-Hernandes
Victória Golfetti
- 53 **Diversidade linguística e inclusão nas aulas de língua portuguesa em Moçambique**
Paula Maimuna Bernardo Ângelo Bambo
- 63 **História e memória dos topônimos de ruas do centro histórico de Cuiabá-Mt**
Ivanete Maria de Jesus
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
- 83 **Gêneros textuais pelos mares da língua portuguesa na época dos Descobrimentos: o processo de evangelização e de alfabetização dos povos africanos**
Maria Antonietta Rossi
- 101 **As marcas linguísticas e discursivas do texto em discursos religiosos de língua portuguesa: análise de plano de texto e de representação semântica**
Maria Eliete de Queiroz
José Rubens Pereira
Carlos Eduardo Coutinho de Melo
- 119 **Construção lexical do *ethos discursivo* em intervenções políticas portuguesas e brasileiras**
Sara Pita
- 139 **As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem SEFTRA**
Xavier Frias Conde
- 149 **A construção do discurso em ambientes digitais: contributos para o estudo dos rituais verbais de indelicadeza**
Marta Alexandra Cação Lopes Antão
Carla Aurélia de Almeida

- 171 **Expressões da língua portuguesa como estratégia de comunicação digital das marcas**
Dina Maria Silva Baptista
- 193 **Provérbios portugueses sobre linguagem: metáforas conceptuais e estereótipos acerca do bom comunicador**
Rosa Lídia Coimbra
- 211 **<Quedar-se a + Infinitivo> no Português Europeu**
Henrique Barroso
- 225 **Sobre a reflexividade em português brasileiro**
Grace dos Anjos Freire Bandeira
- 249 **Português Língua Estrangeira (PLE) e Búlgaro Língua Materna (BLM), ou dos clíticos em movimento**
Ana Paula Loureiro
Vesela Chergova
Henrique Barroso
- 271 **Desvios de flexão verbal em produções escritas de aprendentes anglófonos de PLE**
Telma Elisabete de Oliveira Duarte
- 293 **Desenvolvimento da competência intercultural e literatura lusófona em aulas de PLE: relato de uma experiência em turmas de nível B**
Solange Imaginário Lima
- 311 **Cenários de produção artística: fios condutores para a produção de narrativas orais e escritas**
Maria Daniela Sousa
Isabel Roboredo Seara
- 327 **Uma Reflexão Teórico-prática sobre os Géneros Textuais nos *Curricula* Moçambicanos**
Paula Bambo
Acácio Augusto Tete
- 345 **A mediação do género textual na competência de leitura no contexto escolar em Moçambique: um estudo preliminar**
Narciso Montanha Narciso
- 363 **Abordagem dialógica de textos literários no Ensino Básico moçambicano**
Simião Alberto Muhate
- 379 **Educação em Português e promoção da cidadania global: uma revisão sistemática de estudos publicados**
Maria João Macário
Cristina Manuela Sá
Luciana Mesquita
- 397 **A Escola Nova e a educação de surdos no Brasil na década de 50**
Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta

<Quedar-se a + Infinitivo> no Português Europeu

HENRIQUE BARROSO

CEHUM | Universidade do Minho, hbarroso@elach.uminho.pt

ORCID: 0000-0003-4765-7643

Introdução

<Quedar-se a + infinitivo> é uma construção verbal que partilha, prototipicamente, o mesmo significado com mais vinte e uma outras, distribuídas pelos seguintes nove grupos, tantos quantos os significados específicos que parecem veicular, o fundamento da distinção: (i) <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>; (ii) <desatar a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar-se a + infinitivo>, <botar-se a + infinitivo> e <desandar a + infinitivo>; (iii) <entrar a + infinitivo> e <entrar + gerúndio>; (iv) <pegar a + infinitivo>; (v) <meter-se a + infinitivo>; (vi) <pôr-se a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo>, <ficar + gerúndio> e <quedar-se a + infinitivo>; (vii) <recomeçar a + infinitivo>; (viii) <passar a + infinitivo>; (ix) <começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <principiar por + infinitivo>¹.

Considerando a totalidade das construções explicitadas, deve-se chamar a atenção para a seguinte propriedade: há algumas que estão amplamente documentadas (no topo, e com notório destaque, <começar a + infinitivo> e,

¹ Por forma a que melhor se possa perceber estes agrupamentos, e em jeito de orientação, eis as etiquetas que lhes atribuí, há já alguns anos, em documento privado não publicado: as duas do grupo (i) marcam o 'início' de uma situação simplesmente, isto é, sem quaisquer nuances; as sete do (ii), o 'início repentino'; as duas do (iii), o 'início mais ou menos repentino'; a única do (iv), o 'início + intensidade'; a única do (v), o 'início + hábito + afinco, determinação'; as quatro do (vi), o 'início + duração/continuidade'; a única do (vii), 'novo início, depois de pausa'; a única do (viii), o 'início, resultante da transição de uma situação para outra'; e, por fim, as três do (ix), 'início de uma situação colocada em primeiro lugar numa série'.

ligeiramente abaixo, <ficar a + infinitivo>, construção do mesmo agrupamento da que se está a estudar), outras consideravelmente (por exemplo, <pôr-se a + infinitivo>, também do mesmo agrupamento), outras pouco (é o caso de <meter-se a + infinitivo>) e outras, ainda, muito pouco (<quedar-se a + infinitivo>, a construção sob escopo).

Por conseguinte, e em relação à construção que faz parte do título, vamos indagar o(s) seu(s) significado(s) e a sua definição estrutural (ou seja, averiguar a sua natureza perifrástica ou semiperifrástica²), proceder à sua descrição sintática (... e possíveis restrições de seleção) e, por fim, apresentar os resultados, acompanhados de uma breve discussão-síntese, com orientação do foco para o que ressalta de facto distintivo da análise aqui empreendida³.

1. Do(s) significado(s): prototípico e específico(s)

Na primeira abordagem que fiz desta matéria, mais precisamente, que me ocupei de perífrases verbais inceptivas (Barroso, 1994, pp. 115-129), não tratei da construção sob análise. Isto significa, portanto, que tudo o que aqui se vai dizer sobre a estrutura em epígrafe é absoluta novidade – e simplesmente por ali não ter sido considerada.

Porque <quedar-se a + infinitivo> (parece) focaliza(r) o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de infinitivo, está-se diante de uma construção aspetual **inceptiva** ou de **fase inicial**. Este é, pois, o seu significado prototípico, o que é partilhado por todas as outras vinte e uma construções listadas na introdução. Todavia, sem prejuízo de outras propriedades potencialmente relevantes, distingue-se por lhe acrescentar o(s) significado(s) específico(s) ‘continuidade/permanência’ numa situação, na sequência de ‘(uma certa) decisão’ por parte da entidade a que o Sujeito faz referência, que a caracteriza(m) individualizando. Ou, com outra focalização, poder-se-ia dizer que <quedar-se a + infinitivo> marca ao mesmo tempo parte dos significados expressos, por um lado, por <pôr-se a + infinitivo> (‘decisão’ de ‘mudar’ de situação) e, por outro, por <ficar a + infinitivo> (‘continuidade/permanência’ numa situação), pelo que talvez se pudesse denominar de ‘ingressivo-permansivo’. Os enunciados

² Gómez Torrego (1988, pp. 169-170) usa este termo, escrevendo o seguinte a propósito da construção similar em castelhano: «Creemos, por tanto, que esta construcción se encuentra en una zona intermedia entre construcciones perifrásticas de gerúndio y las no perifrásticas.»

³ Metodologia inspirada substancialmente em García Fernández (2006), e que tenho vindo a adotar em trabalhos da mesma natureza (cf. Barroso, 2016, para <pôr-se a + infinitivo>; Barroso, 2017, para <passar a + infinitivo>; Barroso, 2019a, para <começar a + infinitivo>; Barroso, 2019b, para <meter-se a + infinitivo>; Barroso, 2020, para <principiar a + infinitivo>; Barroso, 2021, para <ficar a + infinitivo>; Barroso, 2022, para <desatar a + infinitivo>; e Barroso, 2023, para <romper a + infinitivo>).

(1) e (2), que fazem parte do *corpus*⁴ aqui em análise, ilustram de modo claro o que acaba de se afirmar, ou seja, e respetivamente, parafraseando: “[...], ela **pôs-se e ficou a olhá-lo**, [...]” e “[...], e eu **punha-me e ficava a repetir** aquilo [...]”.

- (1) 2.2. «Ante o gesto vago de Leonardo, ela **quedou-se a olhá-lo**, terna, cada vez mais terna, os olhos húmidos de ternura, a boca com um sorriso de meiguice e o desejo de perguntar o que ele tinha, que acontecera, porque estava assim.»
- (2) 4.1. «[...] Rezava assim: “O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias de vontade”, e eu **quedava-me a repetir** aquilo num esforço de compreensão que me esturricava os neurónios, só parecido com o embaraço que o padre da igreja introduzia no meu crânio ao pedir
– Meditemos agora na Paixão do Senhor [...]»

2. Da definição estrutural: perífrase e verbo semiauxiliar

Estruturas do tipo da que nos ocupa (<*quedar-se a* + infinitivo>) são, normalmente, consideradas perífrases verbais, muito embora, por vezes, sem se problematizar por que razão e/ou se o são de facto, isto é, de modo inteiro. Por conseguinte, faz todo o sentido convocar um conjunto de critérios geralmente usados para, perante uma sequência no mínimo de duas formas verbais, se poder aquilatar se se está na presença de uma ‘perífrase’ ou de um ‘grupo verbal’, seja este uma expressão feita ou, simplesmente, uma combinação sintática de dois ou mais verbos pertencentes a orações diferentes.

Tais critérios são exclusivamente – ou quase – de natureza sintático-semântica. É nesta base que operam, para o português, por exemplo, Gonçalves & Costa (2002) e, ainda, Raposo (2013). Com efeito, e de acordo com Gonçalves & Costa (2002), tendo em consideração estes nove critérios: (i) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas, (ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa, (iii) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito, (iv) passivas

⁴ Que disponibilizo aqui, logo a seguir às Referências bibliográficas.

A propósito do *corpus* e respetiva organização, impõe-se este esclarecimento: os enunciados que aparecem no corpo do texto, numerados de (1) a (33), são nalguns casos imediatamente seguidos de uma outra indicação numérica constituída por um algarismo **em negrito**, o da esquerda, seguido de outro ‘em não negrito’, o da direita. O primeiro, que teoricamente vai de 1 a 24 (cf. Barroso, 2007, pp. 133-151), indica/significa o ‘tempo verbal’ (simples ou composto) em que a construção aparece; o da direita, o número de ocorrências efetivamente coligidas desta construção em cada tempo verbal, com a finalidade de documentar, sempre que possível, incluindo a ‘pessoa-número’, sobretudo propriedades de natureza sintático-semântico-lexical, a informação que de facto é relevante para a descrição da construção.

Desta feita, e neste *corpus*, temos ocorrências (ao todo 5) da construção <*quedar-se a* + infinitivo> apenas nos seguintes tempos verbais: **1.** ‘presente’ do ‘indicativo’, **2.** ‘pretérito’ ‘perfeito’ do ‘indicativo’, **4.** ‘pretérito’ ‘imperfeito’ do ‘indicativo’ e **13.** ‘gerúndio’.

encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente, (v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito, (vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar, (vii) não seleção do Sujeito, (viii) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais e (ix) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito, < *ter* e *haver* + particípio passado > são os únicos verbos auxiliares do português ou, usando uma expressão sua (Gonçalves & Costa, 2002, p. 97), “os auxiliares puros do Português”, porque cumprem todos os requisitos usados para a sua determinação, e que a auxiliaridade “é um fenómeno gradual, no sentido em que, entre os verbos tipicamente auxiliares e os não auxiliares (ou principais), existe um conjunto de verbos cujo comportamento oscila entre o dos primeiros e o dos segundos.” (Gonçalves & Costa, 2002, p. 49). Todos os outros (de passiva, de tempo, de modo, de aspeto), tradicionalmente auxiliares, são considerados pelas autoras como ‘semiauxiliares’, exatamente por não cumprirem a pleno os critérios cujo elenco acabei de apresentar.

Por seu turno, Raposo (2013, p. 1231) faz esta outra apresentação das propriedades dos verbos auxiliares, colocando à cabeça as de cariz semântico, básicas para o autor, no sentido de que estão na origem das demais (duas, assinaladas com as primeiras letras do alfabeto em maiúscula: A e B), seguindo-se-lhes as de natureza sintática (seis, e procedendo do mesmo modo: C, D, E, F, G e H), discriminadamente: (A): Os verbos auxiliares não selecionam argumentos, (B): Os verbos auxiliares podem ocorrer com verbos impessoais em orações simples, (C): Os verbos auxiliares não selecionam orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementador *que*, (D): Os verbos auxiliares não se combinam com um verbo no infinitivo flexionado, (E): Quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode ligar-se ao verbo auxiliar, (F): Uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem o mesmo significado básico da sua contraparte passiva, (G): As frases com perífrases verbais admitem a construção passiva pronominal concordando o verbo auxiliar com o complemento direto da frase ativa correspondente e (H): A negação frásica incide (apenas) sobre toda a perífrase verbal, e conclui, em jeito de síntese, com a sua lista de verbos auxiliares do português (Raposo, 2013, pp. 1254-1255), ou seja, os que exibem, conjuntamente, as propriedades (A), (B) e (H): *ter* + pp (o auxiliar perfeito), *ser* + pp (o auxiliar passivo), *estar* (*a*) (o auxiliar progressivo), *ficar* (*a*) e *ir* + infinitivo, considerando os demais como verbos semiauxiliares (por exemplo, *andar* (*a*), *chegar* (*a*), *começar* (*a*), *continuar* (*a*), *passar* (*a*), *tornar* (*a*) e *voltar* (*a*) – todos semiauxiliares aspetuais).

Em face do que se acaba de explicitar, vai-se agora proceder à aplicação dos seguintes testes (ou provas), que nos permitirão, simultaneamente, averiguar não só a natureza (ou mais ou menos) ‘perifrástica’ de <quedar-se a + infinitivo>, mas também o carácter (ou mais ou menos) ‘auxiliar’ de *quedar-se (a)* (trata-se de propriedades imbricadas e/ou mútuas).

Teste 1: Não é o primeiro constituinte da construção sob análise (a forma verbal finita) que seleciona o argumento externo com a relação gramatical de Sujeito nem, existindo e estando presentes, quaisquer outros argumentos com outras relações gramaticais, mas sim o segundo (o infinitivo), como um rápido confronto de (4), (5) e (6) com (3) o comprova [*mirar*: verbo com dois argumentos: um externo/Sujeito, *os peões* – expresso na oração anterior, e um interno/OD, *-lo*], por resultarem precisamente em estruturas agramaticais: (4), por o Sujeito ser (animado e) não humano, e (5), por se tratar de um verbo não transitivo direto (o sublinhado destaca as expressões linguísticas com aquelas relações gramaticais).

- (3) 13.1. «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *quedando-se a mirá-lo* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»
- (4) * «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os pombos à sua passagem, *quedando-se a mirá-lo* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»
- (5) * «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *quedando-se-o* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»
- (6) «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *mirando-o* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»

Os verbos impessoais – os que não selecionam um argumento externo com a relação gramatical de Sujeito (*chover*, verbo meteorológico, e *haver*, verbo de existência, por exemplo) – não podem ocorrer com a estrutura em análise, o que, logicamente, não serve como prova para aferir a ‘perifrástica’ da construção nem a ‘auxiliaridade’ do primeiro constituinte. E isto, estou em crer (o *corpus*, ainda que exíguo, só os tem desta natureza), deve-se ao facto de <quedar-se a + infinitivo> se combinar, se não exclusiva pelo menos predominantemente, com predicados que exigem como Sujeito expressões nominais com o papel temático de ‘agente’, isto é, expressões que designam entidades que causam

intencionalmente (logo, controladoras) as situações descritas (Duarte & Brito, 2003, pp. 187-189).

Teste 2: Confrontando (7) com (8), verifica-se que não é possível cindir a construção em duas orações com o verbo em forma pessoal, sem que daí não resulte alguma espécie de agramaticalidade e/ou estruturas de gramaticalidade duvidosa – (8) não é equivalente a (7).

- (7) 2.1. «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se a triturar* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»
- (8) */? «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se e triturou* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»

Testes 3-5: O segundo constituinte da construção, aquele em que se encontra a forma verbal não finita (o infinitivo), não pode ser substituído nem por um ‘pronome demonstrativo’, como se pode ver confrontando (10) com (9), nem por um ‘nome de significado idêntico’ (cf. (11) com (9)), nem ainda por uma ‘oração completiva finita’ (cf. (12) com (9)). Ao fazer-se, ou resultam agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa.

- (9) 2.1. «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se a triturar* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»
- (10) */? «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se a isso*. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»
- (11) */? «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se à (= a + a) trituração* da contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»
- (12) * «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se a que triturava* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»

Teste 6: A negação frásica incide (apenas) sobre toda a construção, conforme se pode observar em (13), que é a forma negativa de (3), confrontando-a com (14).

- (13) «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *não se quedando a mirá-lo* [...].»
- (14) * «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *quedando-se a não mirá-lo* [...].»

Teste 7: A forma verbal não finita, melhor, o segundo constituinte da construção pode ser focalizado na ‘estrutura clivada’ (também dita, ‘enfática de relativo’), o que naturalmente contribui para um comportamento não perifrástico da mesma, como ilustrado em (16), em confronto com (15).

- (15) 4.1. «[...] Rezava assim: “O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias de vontade”, e eu *quedava-me a repetir* aquilo num esforço de compreensão que me esturricava os neurónios, [...]»
- (16) «[...] Rezava assim: “O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias de vontade”, e *a repetir* aquilo num esforço de compreensão que me esturricava os neurónios, [...] *é ao que eu me quedava.*»

Por se tratar de um verbo pronominal, *quedar-se (a)* bloqueia, na estrutura de que faz parte, tanto a subida de clíticos quanto a transformação passiva. Por consequência, são provas que não servem para determinar nem a natureza perifrástica da construção nem o carácter auxiliar daquele.

Apesar de responder afirmativamente a alguns testes (ficam de fora, naturalmente, as impossibilidades), por vezes, o significado léxico vem à tona. Por exemplo (e ficamos por aqui – é que há outras estruturas com este verbo), refazendo o enunciado (17), o conteúdo locativo original torna-se notório (cf. (18)), comprometendo, ou deixando em dúvida, as propriedades ‘perifrástica’ e ‘auxiliar’, respetivamente, da estrutura <*quedar-se a + infinitivo*> e do verbo *quedar-se (a)*.

- (17) 2.1. «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo *quedou-se a triturar* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo.»
- (18) «Leonardo *quedou-se* de cotovelos sobre o balcão *a triturar* a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo.»

Pelo exposto, resulta claro que o grau de gramaticalização da construção não é o maior, mas também está longe de ser o menor: <*quedar-se a + infinitivo*> funciona como perífrase em vários contextos, o que quer significar que apresenta uma razoável definição estrutural.

3. Descrição sintática(-semântica)

Nesta secção investigam-se as possíveis restrições de seleção que afetam a construção, não só as que dizem respeito ao verbo semiauxiliar (ser defetivo, nesta qualidade, em certos tempos, aspetos, modos), quanto – de maior relevância – as que concernem ao auxiliado: aquele, o semiauxiliar, restringe bastante frequentemente o tipo de verbos com que se pode combinar para construir perífrases, em particular por razões que têm que ver com a classe aspetual⁵ deste último, o verbo principal.

Antes, atente-se nesta propriedade/especificidade: porque, para além de marcar o início de uma situação, também focaliza (ou focaliza sobretudo) a sua continuação posterior ou permanência, <quedar-se a + infinitivo> é compatível com complementos que denotam duração, o que não acontece – resultando daí estruturas agramaticais – com perífrases tipicamente marcadoras do começo (<começar a + infinitivo>, por exemplo), como se pode constatar pelo confronto de (19) com (20) (o sublinhado destaca o que aqui está em causa).

- (19) 1.1. «Diogo, muito sério, murmura [...]. *Queda-se um longo momento a olhar* para mim. Um pouco mais adiantado paro também.»
- (20) * «Diogo, muito sério, murmura [...]. *Começa um longo momento a olhar* para mim. Um pouco mais adiantado paro também.»

Quanto às propriedades morfossintáticas do semiauxiliar, o *corpus*, não obstante a sua exiguidade, documenta a coocorrência da construção com tempos de significado aspetual ‘imperfectivo’, como o presente e o pretérito imperfeito do indicativo, ilustrados em (21) e (22), de interpretação-manifestação, respetivamente, progressiva e contínua, e ‘perfectivo’, como o pretérito perfeito simples, exemplificado em (23).

- (21) 1.1. «Diogo, muito sério, murmura [...]. *Queda-se um longo momento a olhar* para mim. Um pouco mais adiantado paro também.»
- (22) 4.1. «[...] Rezava assim: “O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias de vontade”, e eu *quedava-me a repetir* aquilo num esforço de compreensão que me esturricava os neurónios, [...]»
- (23) 2.2. «Ante o gesto vago de Leonardo, ela *quedou-se a olhá-lo*, terna, cada vez mais terna, os olhos húmidos de ternura, a boca com um sorriso de meiguice e o desejo de perguntar o que ele tinha, que acontecera, porque estava assim.»

Foquemo-nos agora nas propriedades sintático-semântico-lexicais. Para começar, parece que <quedar-se a + infinitivo> só se combina com predicados

⁵ Sobre classes aspetuais de predicacões (distintas tipologias), com que em parte se opera aqui, cf. Vendler (1967) e sobretudo Moens (1987), mas também Cunha (1998), Cunha (2007) e Cunha (2013), Oliveira (2003) e, ainda, De Miguel (1999).

que não denotam mudança de estado – com os deste tipo, resultam em estruturas agramaticais, como se pode comprovar em (24) e (25).

(24) * «As crianças *quedam-se a crescer*.»

(25) * «O meu filho *quedou-se a sair* de casa quando me viu.»

Um comportamento semelhante se verifica com predicados que descrevem situações pontuais e de curta duração, ou seja, *pontos e culminações* (Moens, 1987) ou – termo único – *achievements* (Vendler, 1967), como documentado em (26). Há, todavia, predicados desta(s) classe(s) aspetual(ais), designadamente os de tipo pontual, que admitem a combinatória, mas a leitura só pode ser/é iterativa, como se comprova em (27) e (28).

(26) * «Os ciclistas *quedaram-se a chegar* à meta pelo meio-dia.»

(27) «A D. Maria *quedou-se a apagar* a luz.»

(28) «A Joana *queda-se a espirrar* com todo aquele pó.»

Com predicados descritores de situações dinâmicas, durativas e delimitadas, isto é, *processos culminados* (Moens, 1987) ou *accomplishments* (Vendler, 1967), o significado inceptivo esvanece-se e ocorre o lexical. De todo o modo, originam leituras destelizadoras dos eventos, o que quer dizer que se está diante de situações não culminadas, como (29) documenta.

(29) «A Ana João *quedou-se* toda a tarde *a ler* *A Sibila*, mas não terminou.»

Com predicados que descrevem situações não dinâmicas, ou seja, *estados* (Moens, 1987; Vendler, 1967), tanto não faseáveis quanto faseáveis, documentados, respetivamente, em (30) e (31), produzem-se estruturas agramaticais: com estados não faseáveis (ou permanentes), porque, por durarem sempre, não é possível definir nem um princípio nem um final; com estados faseáveis (ou não permanentes), porque a construção em causa lhe acrescenta o significado de ‘decisão’, convertendo o seu Sujeito num controlador da situação denotada.

(30) * «Os rapazes *quedaram-se a ser* altos.»

(31) * «As meninas *quedam-se a estar* doentes.»

Por conseguinte, e em linha com o até aqui expandido, a classe aspetual de predicados que melhor quadra com a construção que se está a descrever, por serem dinâmicos, durativos e atélcos, é a dos *processos* (Moens, 1987) ou *atividades* (Vendler, 1967), como se ilustra em (32) e (33), aliás, a única classe representada no *corpus*.

(32) 2.2. «Ante o gesto vago de Leonardo, ela *quedou-se a olhá-lo*, terna, cada vez mais terna, os olhos húmidos de ternura, a boca com um sorriso de meiguice e o desejo de perguntar o que ele tinha, que acontecera, porque estava assim.»

- (33) 13.1. «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *quedando-se a mirá-lo* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»

Por fim, e (re)pite) mau grado a exiguidade do *corpus*, parece poder dizer-se que o semiauxiliar apresenta uma preferência combinatória ou, dito de outro modo, opera uma seleção preferencial por verbos do campo semântico da “contemplação sensitiva”, em particular da ‘visão’, a saber: *olhar (para)*, *olhar* e *mirar*. Os outros dois (completando o *corpus*) são *triturar (a contrariedade)* e *repetir (aquilo)*. Contudo, se bem se reparar, não se afastam desse quadrante significativo, que é o do “sentir”. Portanto, e se se está a analisar bem, eis outra especificidade da construção sob escopo.

4. Resultados e (breve) discussão

A presente investigação permitiu revelar os seguintes resultados: que a construção <*quedar-se a* + infinitivo> apresenta uma razoável definição estrutural; que se combina só com predicados que não denotam mudança de estado, e, de modo particular, com os que descrevem situações dinâmicas, durativas e não delimitadas; que ocorre exclusiva ou predominantemente com predicados que exigem como Sujeito expressões nominais com o papel temático de agente, entidade que causa intencionalmente as situações descritas; e que opera uma seleção preferencial por verbos do campo semântico da “contemplação sensitiva”.

Porque *quedar-se (a)* é um verbo de estado que exclui qualquer ideia de movimento e com um sentido muito próximo do de *permanecer*, é incompatível com predicados de mudança de estado. Nesta qualidade (de verbo de estado), requer predicados durativos. Isto significa, logicamente, que não aceita a combinação com culminações e outros predicados pontuais e sem duração. O seu valor inceptivo – que, por vezes, aparece marcado de forma explícita através de complementos delimitadores do início de uma situação – implica que não se pode combinar com estados não faseáveis (ou permanentes), exatamente por ser um tipo de predicados para os quais não é possível definir um princípio e um final.

5. Conclusão

Em conclusão, parece poder asserir-se que o número deveras elevado de construções inceptivas tem a sua motivação: a especialização na manifestação da inceptividade *sui generis*, idiosincrasia que releva não só do(s) significado(s) específico(s) mas também da combinatória sintática(-semântica) da construção.

Com este contributo, ficaram a conhecer-se quer o(s) primeiro(s) quer a segunda para a construção inceptiva <quedar-se a + infinitivo>.

Referências bibliográficas

- Barroso, H. (2023). <Romper a + infinitivo> no Português Europeu. *Linguística*, 39 (2), 131-143. <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20230021>
- Barroso, H. (2022). <Desatar a + infinitivo> no Português Europeu. *Studia Iberystyczne*, 21, 163-186. <https://doi.org/10.12797/SI.21.2022.21.09>
- Barroso, H. (2021). <Ficar a + infinitivo> no português europeu. *Confluência*, 60 (jan.-jun.), 9-35.
- Barroso, H. (2020). Da gramática de <principiar a + infinitivo> no Português Europeu. *Древняя и новая Рومانія*, 26, 32-48. [*Antiga e Nova Romania*, 26, 32-48].
- Barroso, H. (2019b). <Meter-se a + infinitivo> no Português Europeu. *Studia Iberystyczne*, 18, 349-363. <https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.25>
- Barroso, H. (2019a). <Começar a + infinitivo> no Português Europeu. In C.P. Alonso, V. Russo, R. Vecchi & C.A. André (eds.). *De Oriente a Ocidente: Estudos da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. V – Estudos da AIL sobre Ciências da Linguagem (Língua, Linguística, Didática) (pp. 145-186). Coimbra: Angelus Novus.
- Barroso, H. (2017). <Passar a + infinitivo> no Português Europeu: construção com valor discursivo ou operador aspetual? In A.M. Ferreira, C. Morais, M.F. Brasete & R.L. Coimbra (Eds.). *Pelos mares da língua portuguesa* 3 (pp. 279-301). Aveiro: UA Editora.
- Barroso, H. (2016). <Pôr-se a + infinitivo> no Português Europeu. In B. Hlibowicka-Węglarz, J. Wiśniewska & E. Jabłonka (Orgs.). *Língua Portuguesa. Unidade na Diversidade*. Volume I (pp. 109-124). Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marie Curie-Skłodowskiej.
- Barroso, H. (2007). *Para uma gramática do aspecto no verbo português*. Braga: Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/7987>
- Barroso, H. (1994). *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrónica*. Porto: Porto Editora.
- Cunha, L.F. (2013). Aspeto. In E.P. Raposo, M.F. Nascimento, M.A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.). *Gramática do Português*. Volume I (pp. 583-619). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, L.F. (2007). *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*. München: Lincom Europa.

- Cunha, L.F. (1998). *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica* [Tese de Mestrado inédita, Porto: Universidade do Porto].
- De Miguel, E. (1999). El aspecto léxico. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2 (pp. 2977-3060). Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello]
- Duarte, I. & Brito, A.M. (2003). Estrutura argumental e papéis temáticos; Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos; Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental. In M.H.M. Mateus *et al.*, *Gramática da língua portuguesa*. (5.ª ed., pp. 183-197). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- García Fernández, L. (Dir.) (2006). *Diccionario de perífrasis verbales*. Madrid: Editorial Gredos.
- Gómez Torrego, L. (1988). *Perífrasis verbales. Sintaxis, semántica y estilística*. Madrid: Arco/ Libros.
- Gonçalves, A. & Costa, T. da (2002). *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference* [Doctoral thesis, University of Edinburgh].
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In M.H.M. Mateus *et al.*, *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed. (pp. 127-178). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Raposo, E.P. (2013). Verbos auxiliares. In E.P. Raposo, M.F. Nascimento, M.A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Orgs.). *Gramática do Português*. Volume II (pp. 1219-1281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vendler, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.

Corpus

1.1. «Diogo, muito sério, murmura [...].

Queda-se um longo momento **a olhar** para mim. Um pouco mais adiantado paro também.»

[CPó, p. 40]

2.1. «De cotovelos sobre o balcão, Leonardo **quedou-se a triturar** a contrariedade. Mais ou menos, aquilo alguma coisa havia de dar. Mas, pelo sim, pelo não, tinha de ir pensando em outro arranjo. O filho, dali a pouco, estava um garoto e era preciso cuidar do seu futuro.»

[TF, p. 113]

2.2. «Ante o gesto vago de Leonardo, ela *quedou-se a olhá-lo*, terna, cada vez mais terna, os olhos húmidos de ternura, a boca com um sorriso de meiguice e o desejo de perguntar o que ele tinha, que acontecera, porque estava assim.»

[TF, p. 137]

4.1. «[...] Rezava assim: “O bom filiado educa-se a si próprio por sucessivas vitórias de vontade”, e eu *quedava-me a repetir* aquilo num esforço de compreensão que me esturricava os neurónios, só parecido com o embaraço que o padre da igreja introduzia no meu crânio ao pedir

- Meditemos agora na Paixão do Senhor

se inclinava, de olhos fechados, a meditar, e eu achava-me o pior dos imbecis porque não era capaz de meditar em nada e, ainda menos, na paixão fosse de quem fosse.»

[V 594 (2004/07/22 a 28), p. 11]

13.1. «O homem [...]. Enfia por uma ampla rua de tenebrosos armazéns em ambos os lados, escapam-se os peões à sua passagem, *quedando-se a mirá-lo* numa indignação que se exprime no insulto que o susto lhes não permite concluir.»

[U, p. 15]

Fontes do corpus

Textos literários

Campos, Fernando

(¹¹1999) *A Casa do Pó*. Lisboa: Difel [1986].

Castro, Ferreira de

(¹³1990) *Terra Fria*. Lisboa: Guimarães Editores, Lda. [1934].

Cláudio, Mário

(2004) *Ursamaior*. Lisboa, Visão/Publicações Dom Quixote [1999].

Imprensa escrita

Visão (revista semanal), Lisboa

Siglas (das fontes do corpus)

CPó *A Casa do Pó*, Fernando Campos

TF *Terra Fria*, Ferreira de Castro

U *Ursamaior*, Mário Cláudio

V *Visão*

